

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA NAS MOEDAS DA PRIMEIRA GUERRA ROMANO-JUDAICA: UM ESTUDO SOBRE O SÍMBOLO DA TAMAREIRA

Ana Beatriz Siqueira Bittencourt

Mestranda no PPGH-UFF, bolsista CNPq
bia.sbittencourt@gmail.com

Resumo: O presente artigo analisa os discursos apresentados nas moedas que foram cunhadas e versam sobre o período da Primeira Guerra Romano-Judaica (66 - 73 d.C.) – *Judaea Capta*, *Judaea Recepta* e moedas da resistência judaica –, a partir da análise da Tamareira como símbolo que marca e referencia o judeu e a identidade judaica.

Palavras-chave: Tamareira; *Judaea capta*; *Judaea recepta*; Resistência Judaica;

Abstract: The present article discusses about the speeches presented in the coins that were minted and deal with the period of the First Roman-Jewish War (66 - 73 AD) – *Judaea Capta*, *Judaea Recepta* and coins of the Jewish resistance –, based on the analysis of the Date palm as a symbol that marks and references the Jew and the Jewish identity.

Keywords: Date palm; *Judaea capta*; *Judaea recepta*; Jewish resistance;

Neste artigo, analisamos comparativamente os discursos acerca da identidade judaica presente nas moedas que tratam a temática da Primeira Guerra Romano-Judaica, ocorrida entre os anos de 66 e 73 d.C. Assim, analisaremos dois conjuntos de moedas: o primeiro, cunhado pelos judeus da resistência; e o segundo, pelas autoridades romanas dos governos de Vespasiano, Tito e Domiciano, em louvor à vitória de Roma (série *Judaea Capta* e *Judaea Recepta*). Para isso, será analisada principalmente a representação iconográfica da tamareira, símbolo relacionado ao judeu e sua identidade.

Também defendemos o uso do termo “tamareira” em detrimento de “palmeira”, cujo uso é mais corrente e geral, na medida em que a espécie comum na região e o símbolo familiar ao judeu e ao judaísmo se apresenta caracteristicamente em relação à tamareira. Assim, cabe entender nos diferentes casos apresentados a mensagem que se pretende divulgar e os recursos discursivos que implicitamente estão baseados nas disputas de poder no marco do conflito.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Neste olhar, todo tipo de fonte imagética ganha “importância não mais apenas ligada às suas qualidades estéticas mas à sua capacidade de representar os imaginários sociais e de evidenciar as mentalidades coletivas” (ROCHA, 2007, p.119). Representação de um tempo e de uma visão, o discurso é marcado pelos procedimentos internos que o regem, sendo eles mesmos os seus próprios reguladores de controle (FOUCAULT, 1970, p. 20). É preciso ainda relacionar esta percepção à ideia de que as identidades são construídas na interação social, principalmente em contextos onde a guerra, onde as identidades das partes envolvidas no embate tendem a se tornarem mais visíveis e, portanto, proporcionam de maneira mais clara um embate de visões, ao mesmo tempo em que de forma prática acirram o confronto identitário.

Sobre a guerra em questão

A Primeira Guerra Romano-Judaica foi o marco da insatisfação dos judeus perante a dominação romana da região da Judeia. Iniciada sob o governo de Nero, de maneira incomum a revolta se destacou por sua longa duração, pois se estendeu pelos os governos de Galba, Oto, Vitélio e terminou sob Vespasiano, através das legiões comandadas por seu filho Tito. Com a conquista de Jerusalém, o Templo foi destruído no ano de 70 d.C., permanecendo apenas a última resistência em Massada que, ao fim, sucumbiu em 73 d.C.

De maneira geral, dispomos hoje de duas diferentes e importantes narrativas sobre o período da Guerra Romano-Judaica do primeiro século: a *Guerra dos Judeus* de Flávio Josefo e as *Histórias* de Tácito. A primeira foi escrita em grego, em um período bem próximo ao fim da guerra, provavelmente entre os anos de 75 e 79 d.C.; a segunda foi escrita em latim aproximadamente entre os anos de 104 a 109 d.C., abarcando o período entre a guerra civil de 69 d.C. e o fim do principado de Domiciano, em 96 d.C., estando o relato do conflito¹ no livro V.

Para além dos documentos escritos que trazem informações sobre o conflito, os testemunhos arqueológicos oferecem perspectivas e discursos que permitem produzir novas perspectivas sobre o tema. Faz-se assim importante o estudo destes materiais para

¹ Entende-se que o relato é incompleto pois a parte que concluía a narrativa não chegou até nós, já que dos 12 ou 14 livros que a compunham, apenas sobreviveram os quatro primeiros e parte do quinto.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

um entendimento mais apurado e diversificado em olhares, em que questões antes não aparentes se mostram e nos desafiam.

Dentre os vestígios do período, é possível destacar pelo menos três grandes referências: o conhecido *Arco de Tito*, construído no pós-guerra como um marco honorífico a Tito por sua vitória liderando a subjugação dos judeus aos romanos, que possui gravado em seu interior a cena de soldados romanos carregando espólios da derrubada do Templo, à exemplo do *menorah*; vestígios do muro que cercava a esplanada do Templo, onde até hoje os judeus oram e se lamentam por sua destruição; e as diversas moedas que, sob ambas as perspectivas, nos apresentam hoje o relato de uma disputa de representações identitárias.

Os discursos nas moedas

A proposta de investigação de símbolos ligados ao material em que são identificados sinalizam uma mensagem. O uso das moedas no contexto da guerra e das disputas políticas apresentam o entendimento de que os símbolos atuam como reforço das posições sociais, transmitindo a imagem de si que pretendem reafirmar, além de estabelecer a visão que determinado grupo possui acerca do inimigo. De acordo com Carlan e Funari (2012, p. 65-66), “essas pequenas peças de metal eram os únicos objetos que chegavam de uma maneira uniforme ao público. Por meio da imagem, a mensagem política de um governo era transmitida aos seus governados”.

Em *Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação* (2013), Cláudio Carlan aplica a metodologia de análise de conteúdo proposta por Harold Laswell, a partir da observação de suas funções intrínsecas de legitimação de poder e propaganda. O autor, considera que no estudo da moeda é necessário atenção aos símbolos que as constituem. O corpo de informações percorre o caminho que passa dos interesses e motivações do emissor à interpretação por parte do receptor (público alvo). Este estudo, aliado às fontes escritas, nos oferece suporte necessário para um melhor entendimento do passado como construção histórica (CARLAN, 2013).

Em princípio, Roma procura no estabelecimento de alianças uma relação mais benéfica. Ao analisar o imperialismo romano e as especificidades da Judeia, Jorwan Gama infere que pelo alto nível de complexidade social da região da Judeia, os romanos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

tiveram que estabelecer estratégias de dominação diferentes das demais. De fato, as relações estabelecidas por Roma em seus domínios no Ocidente e Oriente se deram circunstancialmente de maneiras distintas (GAMA, 2011, p. 75).

Apesar das relações convencionadas, ao longo de todo o período de dominação romana – bem como nas anteriores –, a população sempre se mostrou em atos de resistência. É por isso que começaremos nossa análise a partir do que Gama defende na aplicação do conceito de *resistência ideológica* nas moedas judaicas. A partir do conceito desenvolvido por Edward Said, Gama observa que as revoltas em si apresentam apenas uma das aplicações possíveis do termo de resistência ideológica, sendo a reafirmação da cultura e dos símbolos judaicos tão importantes como a própria batalha em si (GAMA, 2011, p. 69).

A série de moedas cunhadas pela resistência judaica durante a Primeira Guerra é, nesse sentido, uma declaração de reconhecimento público da própria identidade, revelando através de símbolos importantes para o viver e fazer do judaísmo, o desejo de redenção do povo: “portanto, um pequeno detalhe na imagem podia ter grande significado. Como quaisquer objetos que contenham textos e imagens, símbolos portadores de ideologia podem ser detectados e estudados nas moedas” (CARLAN; FUNARI, 2012, p.70).



Figura 1. Anverso e reverso

1) Autoridade Emissora: Judeus da Primeira Revolta. 2) Característica de emissão / distinção de status: “nacionalista”. 3) Datação: 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.). 4) Local da emissão: Jerusalém-Aelia Capitolina – Judéia. 5) Denominação: Meio Shekel; bronze. 6) Anverso: palmeira de sete ramos com duas cestas de tâmaras. Legendas de anverso: em páleo-hebraico para a redenção de Sião. Reverso: dois feixes de lulavs com ethrog (cidra) entre eles. Legendas de reverso: em páleo-hebraico, ano quatro, meio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referência: CARVALHEIRO, 179.



Figura 2. Anverso e reverso

1) Autoridade Emissora: Judeus da Primeira Revolta. 2) Característica de emissão / distinção de status: “nacionalista”. 3) Datação: 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.). 4) Local da emissão: Jerusalém-Aelia Capitolina – Judéia. 5) Denominação: um quarto de Shekel; prata. 6) Anverso: três palmas amarradas. Legendas de anverso: em páleo-hebraico, um quarto de shekel. Reverso: coroa feita de ramos de palmeira. Legendas de reverso: letra páleo-hebraica.

Referência: CARVALHEIRO, 178.



Figura 3. Anverso e reverso.

1) Autoridade Emissora: Judeus da Primeira Revolta. 2) Característica de emissão / distinção de status: “nacionalista”. 3) Datação: 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.). 4) Local da emissão: Jerusalém-Aelia Capitolina – Judéia. 5) Denominação: (um quarto de Shekel?); bronze. 6) Anverso: taça (de ômer?) Variação do tipo principal: não há. Tipos secundários de anverso: não há. Legendas de anverso: em páleo-hebraico, para a redenção de Sião. Reverso: um feixe de lulav entre dois etrogs (cidras). Legendas de reverso: em páleo-hebraico, ano quatro.

Referência: CARVALHEIRO, 181.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Nestes exemplos destacamos as diferentes formas de representação de um mesmo símbolo. A tamareira é apresentada como árvore formada, mas também em variações como ramos de tamareira (*lulav*), feixes de folhas, ou mesmo na representação dos frutos e sementes em abundância, as tâmaras.

O historiador britânico Simon Schama apresenta uma noção interessante à interpretação de uma das lendas encontradas nas moedas da resistência judaica – “para a redenção de Sião” e “Liberdade de Sião” (a exemplo da figura 1); observa que os egípcios e todas as culturas que os sucedem conheciam a tamareira como a árvore que nunca morria, renovando suas folhas sem cessar. Neste sentido, a tamareira se apresentava como se fosse imortal, tornando-se uma imagem referencial de redenção e ressurreição (SCHAMA, 2015, p. 92).

Como símbolo, a tamareira encontra-se representada em vestígios de diferentes povos e nos mais variados suportes, de colunas proto-jônicas² a moedas, altares funerários e escudos de armas. Apesar de não ser exclusiva do povo judeu, sua associação a Judeia é consolidada durante o primeiro e o segundo século, aparecendo emblematicamente nas moedas do período da Primeira e da Segunda Revolta Judaica.

A *Phoenix dactylifera*, conhecida correntemente como tamareira, é uma espécie vegetal classificada na família *Arecaceae*. Originária provavelmente da região do Crescente Fértil, a tamareira tem sido cultivada há milhares de anos, se destacando por seus frutos comestíveis extremamente doces. A palavra que originou a expressão tamareira é "tamar" (em hebraico - תמר), comum ao aramaico, etíope e hebraico. No árabe, "tamr" significa especificamente o fruto da tamareira (HIRSCH; LEVI, 1906).

Discorrendo um pouco acerca de suas especificidades, são árvores recorrentes em regiões de clima tropical e subtropical seco, apresentam lento crescimento, mas em sua fase adulta atingem até 25 metros de altura. O caule é fino e muito flexível, produzindo maior resistência à ação dos fortes ventos. Caracteristicamente, permanecem associados ao caule resquícios das bainhas das folhas (figura 4).

² A este exemplo, vale referenciar o artigo que compara a forma dos ornamentos de colunas proto-jônicas, encontradas em escavações em Megido, Hatzor, Ramat Rachel e Jerusalém, às típicas estruturas romboidais que se forma no tronco da tamareira juntamente com os novos ramos em sua base (FRANKLIN, 2011).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Semelhante às demais espécies do grupo das palmeiras, sua copa é formada por folhas pinadas, sendo composta entre 40 a 80 palmas (HIRSCH; LEVI, 1906).



Figura 4. Tamareiras (*Phoenix dactylifera*).

Fonte: Jeff Vanuga / Photo courtesy of USDA Natural Resources Conservation Service. Public Domain.
Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Date_palm#/media/File:NRCSAZ02021_-_Arizona_\(325\)\(NRCS_Photo_Gallery\).jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Date_palm#/media/File:NRCSAZ02021_-_Arizona_(325)(NRCS_Photo_Gallery).jpg). Acesso em: 13 nov. 2020.

Seus frutos, as tâmaras, possuem forma cilíndrica e medem cerca de 3 a 7 centímetros de comprimento e 2,5 centímetros de diâmetro; dependendo da variedade e de sua fase de maturação sua coloração pode variar entre tons de amarelo, vermelho e marrom brilhantes, permanecendo penduradas em cachos que ficam presos ao caule da árvore (figura 5). Quando secas, as tâmaras são compostas por mais de 60% de açúcar (HIRSCH; LEVI, 1906).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 5. Cacho de tâmaras ainda em processo de maturação, presas ao caule.

Fonte: Stan Shebs, 2005. Public Domain. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Date_palm#/media/File:Dates_on_date_palm.jpg. Acesso em: 13 nov. 2020.

Flávio Josefo, em uma de suas muitas descrições sobre a região, meio a narrativa da Guerra Romano-Judaica faz um relato interessante a respeito das planícies desérticas próximas ao norte do Mar Morto:

Na verdade, esta nascente irriga uma área maior do que todas as outras, permeando uma planície de setenta estádios de comprimento e vinte de largura, e nutrindo nessa área os parques mais charmosos e luxuosos. Das tamareiras regadas por ela existem numerosas variedades que diferem no sabor e nas propriedades medicinais; as espécies mais ricas dessa fruta, quando esmagadas, emitem mel abundante, não muito inferior ao das abelhas, que também abundam nesta região. Aqui também cresce o bálsamo suculento, o mais precioso de todos os produtos locais, o cipreste e o mirobalano; de modo que não seria impróprio descrever como "divino" este local em que as plantas mais raras e seletas são produzidas em abundância. Pois, no que diz respeito a seus outros frutos, seria difícil encontrar outra região no mundo habitável comparável a esta; tão múltiplos são os retornos de tudo o que é semeado (JEWISH WAR, IV, 467- 472).

Essa passagem nos apresenta a região como fértil e frutífera, ao mesmo tempo em que descreve com minúcia a incidência de variedades de tamareiras e de seus frutos que, quando são apertados, destilam algo parecido com mel – o mel de tâmara. Vale

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

destacar que a versão utilizada está em inglês sendo traduzida diretamente do grego³, nela o termo usado é exatamente a expressão *date-palm*, em português, tamareira. Mais uma indicação de que, neste caso, o que encontramos geralmente traduzido de forma mais genérica para o português como palmeira é em especial a tamareira.

Assim como Josefo, Cornélio Tácito também cita a tamareira em sua narrativa sobre o conflito. Considerando importante, dedica uma parte do seu relato às origens do povo judeu e à descrição da geografia local; não poderia, porém, deixar de citar a presença das tamareiras: “As chuvas são escassas e o solo fértil: abundam frutos semelhantes aos nossos, e em adição a esses o bálsamo e as palmeiras. As palmeiras alcançam grande altura e formosa aparência” (HISTORIAS, V, 6). Apesar de usar o termo mais geral, traduzido hoje como palmeira, pela descrição narrativa não há dúvida de que Tácito falava de uma tamareira.

Fonte importante neste contexto são os textos presentes na Bíblia Hebraica, a Tanach⁴, conhecida no Cristianismo como o conjunto de livros presentes no Antigo Testamento (FELDMAN, 2009, p. 32). Neste sentido, a Tamareira é fugurativamente mencionada e relacionada às características que a constituem, visando apresentar lições de vida em seus aspectos morais e espirituais. Seu porte alto e esguio, por exemplo, é comparado à beleza admirável da figura feminina descrita no livro de Salomão (Cânticos 7, 7-8).

Outro exemplo significativo está contido no texto de Salmos 92.12:

זיכר כתמר צדיק

Transliterado: Tzadik kaTamar ifrach.

O justo florescerá como a palmeira [...] (Salmos 92.12).

O que é comumente traduzido para o português como palmeira – afinal, não deixa de ser a tamareira parte desta representativa família de classificação biológica das plantas –, ao observarmos a transliteração do hebraico do termo (kaTamar) percebe-se claramente a espécie indicada: “os justos florescem como a tamareira”.

³ Obra em edição bilíngue, grego-inglês.

⁴ A Tanach ou tanak (תנ"ך) é forma tradicional como os judeus se referem ao conjunto canônico de seus textos sagrados. O nome é um acróstico onde: T = faz referência à Torá e significa Lei, sendo equivalente ao Pentateuco; N = de Neviim, são os Profetas; CH ou K = de Ketuvim, são os Escritos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esta conclusão é importante porque concede nova vida à interpretação, revelando a referência direta a uma planta que era muito comum e admirada na região do contexto histórico vivido naquele momento. Neste texto, a tamareira representa a abundância, prosperidade, retidão e utilidade daqueles que andam e se relacionam justamente, como a tamareira que floresce e fornece frutos em sua doçura, cresce vistosa e permanece firme mesmo no clima seco e adverso em relação ao acesso à água.

Para o historiador Paul Romanoff (1944) o uso da tamareira aponta à representação da água na região da Judeia, exatamente por ser encontrada próxima à margem dos rios, podendo ser vista como um símbolo que indica a abundância e fertilidade daquela terra, e do povo judeu. Não obstante, seguindo a análise das moedas cunhas pela resistência judaica, Porto conclui “que diante de uma situação extrema como foi a das revoltas judaicas contra os romanos, a propiciação da fertilidade tem a ver com a sobrevivência do grupo, que era muito mais fraco e reduzido do que o exército romano que enfrentavam” (PORTO, 2007, p.142). Schama, por sua vez, considera que é fato dado que a tamareira representava um símbolo de fecundidade prometida por Deus ao povo de sua aliança (SCHAMA, 2015, p. 92).

Corroborando este pensamento que liga a tamareira à água e à fertilidade, é válido citar que no Pentateuco, em um dado episódio da história dos hebreus, é narrado que na cidade de Elim haviam setenta “palmeiras” ao redor das nascentes das águas (Êxodo 15.27; Números 33.9). Além disso, a cidade de Jericó é referenciada como “a cidade das palmeiras” (Deuteronômio 34.3).

Curiosamente, pesquisas recentes na área de botânica conseguiram fazer brotar sementes de tamareira de quase dois mil anos, descobertas em escavações realizadas em diversos sítios arqueológicos no deserto da Judeia, como Massada e as Cavernas de Qumran (DAVIS, The Guardian, 2020; BBC BRASIL, 2008). O artigo de divulgação destas pesquisas, publicado no ano passado na *Science Advances*, apresenta o relato dos resultados das germinações de sete sementes que vem sendo analisadas geneticamente desde 2008 (SALLON et al., 2020, p. 1).

As tamareiras no sul do Levante (atual Israel, Palestina e Jordânia), situada entre as áreas de domesticação oriental e ocidental, desempenharam historicamente um importante papel econômico na região e também eram de significado simbólico e religioso. O Reino de Judá (Judeia) que surgiu na

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

parte sul da histórica terra de Israel no século XI a.C era particularmente conhecida pela qualidade e quantidade de suas tâmaras. Estas assim chamadas “tamareiras da Judeia” cultivadas em plantações ao redor de Jericó e do Mar Morto eram reconhecidas pelos escritores clássicos por sua altura, sabor doce, armazenamento prolongado e propriedades medicinais (SALLON et al., 2020, p. 1).

Passemos agora a análise da série *Judaea Capta*, cunhada ao longo dos anos seguintes ao fim da Primeira Guerra Romano-Judaica:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021



Drawings of Roman prototypes of Judaea Capta coins.
All illustrations, except for fig. 14, are taken from Maddens' *Coins of the Jews*.

Figura 6. Desenhos de alguns modelos de moedas que foram cunhadas em Cesarea e planejadas para circulação na Judeia, Samaria e Galileia.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- A. Principais desenhos no verso: “Judeia” lamentando, sentada debaixo de um troféu (1); “Judeia”, de mãos atadas às costas, sentada debaixo de uma palmeira (2); palmeira, flanqueada por imperador vitorioso à esquerda, e “Judeia” lamentando à direita (5); “Judeia”, mãos amarradas na frente, de pé junto a uma palmeira (4); troféu (3).
- B. As Inscrições: *IVDAEA* (tipos 1 e 2); *IVDAEA DEVICTA* (tipo 4); *DE IVDAEIS* (tipo3).

II – Emissões de Bronze

- A. Sertesii: Palmeira flanqueada por judeu cativo, de mãos atadas às costas, e judia, sentada e lamentando (6, 12). Esse tipo tem muitas variantes; palmeira flanqueada por imperador vitorioso e judeu lamentando (7, 11); vitória escrevendo em um escudo pendurado em uma palmeira; debaixo, uma judia lamentando (8); imperador romano de pé em frente à judeu e judia suplicantes; palmeira à esquerda (9).
- B. Bronzes menores: Judia lamentando e uma pilha de armas debaixo da palmeira (10, 13, 15); “Judeia” sentada debaixo de troféu (14).

Fonte: MESHORER, 1982, p. 193-193.

Como explicitado, o material imagético em questão, ao representar o judeu ou a judia em posição de submissão e desolação frente ao vigor da vitória romana, muito bem posta na figura dos imperadores, da deusa Nike, dos soldados ou mesmo dos escudos, faz propaganda da relação de dominação e da restauração da ordem conquistada. Mediando seu próprio discurso, Roma estabelece nas imagens a tipificação das relações de poder impostas.

André Chevitarese e Faria Neto sinalizam um trágico fim: as tamareiras, que antes floresciam no Oriente como símbolo de vida e triunfo, “nessas imagens servem para os judeus subjugados se apoiarem ou de apoio para um escudo, que a deusa Vitória está escrevendo. Uma planta de forte representatividade judaica é utilizada para expressar a vitória e conquista romana” (CHEVITARESE; FARIA NETO, 2017, p. 52).

No Império Romano, as séries de moedas *capta* estão associadas a uma vitória sobre um povo estrangeiro hostil (GAMBASH et al., 2013). Não obstante, como a Judeia já era uma província romana, as celebrações atípicas de Vespasiano pelo triunfo contra a revolta se enquadrariam nesta categoria. Desta forma, se estabelece a série *Judaea Capta* que em consonância com as demais celebrações de vitória sobre o povo judeu, transmitem de maneira direta a superioridade romana e a submissão judaica.

Em adição à série até aqui discutida, é necessário verificar um achado até então único. O exemplar da moeda *Judaea Recepta* (figura 8) apresenta um novo modelo de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

representação na cunhagem. Nesta, no anverso, Vespasiano aparece com a cabeça laureada e drapeado sobre o ombro, com inscrição: *IMP CAESAR VESPASIANVS AVG*; no reverso, juntamente com a figura de uma tamareira sem frutos, a personificação da Judeia aparece como uma mulher com as pernas cruzadas, braços dobrados, cabeça apoiada descansando sobre a mão, e em torno a referência *IUDAEA RECEPTA*.



Figura 7. Anverso e reverso do exemplar único da moeda *Judaea Recepta*.

Fonte: GAMBASH; GITLER; COTTON, 2013, p. 91.

A interpretação desta série para Gambash et al., se apresenta no que parece ser uma contradição com as celebrações do triunfo de vitória sobre os judeus. Para eles, a mensagem representada pela moeda *Judaea Recepta* se contrapõe àquela atribuída às moedas do tipo *capta*, mesmo não sendo possível afirmar que se trata de moedas do tipo *provincia fidelis*. Assim, “a Judéia é apresentada como uma antiga província que havia sido temporariamente perdida para o império e agora estava reintegrada ao sistema provincial” (GAMBASH et al., 2013, p. 100).

Contrária a esta percepção, Zollschan defende em seu artigo mais recente sobre o tema (2019), que diferente da noção de recuperação da Judeia ao sistema provincial, a *Judaea Recepta* indica rendição e faz parte do protocolo de aceitação romana do reconhecimento da rendição incondicional dos rebeldes.

Ainda sim, a partir de ambas as interpretações, a presença da tamareira no reverso da moeda reforça e referencia o contexto de percepção identitária para a Judeia e os próprios judeus. Em *Capta* ou *Recepta*, a tamareira é a base da mensagem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

transmitida e encaminhada aos quatro cantos do Império; marca um reconhecimento ao mesmo tempo em que divulga sua diminuição frente a grandeza de Roma.

Uma das questões mobilizadas neste trabalho está na percepção do uso do símbolo da tamareira nas moedas do período, que nas fontes são destacadas por suas características e na bibliografia é comumente – e talvez genericamente – chamada apenas de palmeira. É interessante notar que em ambas as séries aqui analisadas a figura da palmeira e suas variações entre ramo, tamareira, dois feixes de tamareira e coroa feita de suas folhas, aparecem presentes em uma parte considerável das moedas, o que corrobora nosso entendimento de que está presente a ligação da árvore com o povo em questão.

Em suma, quer seja apresentada como símbolo de resistência e permanência, quer por elemento marcador de uma identidade construída ligada ao fracasso e a inferioridade, a conclusão destes esforços nos mostra que um mesmo símbolo de representação pode ser moldado a partir da construção do discurso de poder sobre ele aplicado.

Documentação numismática

GAMBASH, Gil; GITLER, Haim; COTTON, Hannah M. *Iudaea Recepta*. p. 89-104. In: Israel Numismatic Research, vol. 8. Tel Aviv: Israel Numismatic Society, 2013.

MESHORER, Ya'kov. *Ancient Jewish Coinage*. Vol. II. Amphora books: New York, 1982.

PORTO, Vagner Carvalheiro. *Imagens Monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana*. Tomos I e II. Vagner Caravlleiro Porto . Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Documentação escrita

BÍBLIA. Edição Almeida Corrigida Fiel. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana (SBTB), 2007.

JOSEPHUS. *The Jewish War*. Trad. do grego para o inglês e com. de H. ST. J. Thackeray. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press - William Heinemann Ltd., 1961.

TÁCITO, Cornélio. *Libros de Las Historias*. Tradução de Joaquín Soler Franco. 2ª ed. Zaragoza: Institución Fernando el Católico (CSIC), 2015.

Referências bibliográficas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

BBC BRASIL. Semente de 2.000 anos germina e vira planta. 13 jun. 2008. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/06/080613_tamarasemente_ba. Acesso em: 3 nov. 2020.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação. São Paulo: Annablume, 2013

CARLAN, Cláudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. Moedas: a numismática e o estudo da História. São Paulo: Annablume, 2012.

CHEVITARESE, André Leonardo; FARIA NETO, Felinto Pessoa de. Moedas Judaea Capta: narrativas de uma dominação. Rio de Janeiro: Revista Jesus Histórico, ano X, vol. 18, 2017, p. 41-59.

COSTA JUNIOR, Jorwan G. Judaea Romana: Negociação e Resistência. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

_____. A aplicação do conceito de resistência ideológica nas moedas judaicas da primeira revolta dos Judeus contra os romanos. Rio de Janeiro: Revista Jesus Histórico, ano IV, vol. 6, 2011, p. 68 - 80.

DAVIS, Nicola. Scientists in Israel grow date plants from 2,000-year-old seeds. The Guardian, Reino Unido, 5 fev. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2020/feb/05/scientists-in-israel-grow-date-plants-from-2000-year-old-seeds>. Acesso em: 3 nov. 2020.

FELDMAN, Sergio Alberto. Excluídos e marginalizados: profetismo bíblico e a questão da terra. Dimensões, Revista de História da UFES, vol. 23 – 2009, p. 30-50.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FRANKLIN, Norma. From Megiddo to Tamassos and Back: Putting the “Proto-Ionic Capital” in Its Place. p. 129 -140. In: FINKELSTEIN, Israel; NA’AMAN, Nadav (Orgs.). The Fire Signals of Lachish. Indiana: Eisenbrauns, 2011.

GAMA, Jorwan. A aplicação do conceito de resistência ideológica nas moedas judaicas da primeira revolta dos judeus contra os romanos. Revista Jesus Histórico e sua Recepção. Ano IV, Vol. 6, 2011, p. 68-80.

_____. O imperialismo romano e as especificidades da Judeia: Um quadro teórico-conceitual. Revista Eletrônica Antiguidade Clássica 7, nº 1, 2011, p. 73-86.

GAMBASH, Gil; GITLER, Haim; COTTON, Hannah M. *Iudaea Recepta*. p. 89-104. In: Israel Numismatic Research, vol. 8. Tel Aviv: Israel Numismatic Society, 2013.

HIRSCH, Emil G.; LEVI, Gerson B. Palm (*Phoenix dactylifera*). In: Jewish Encyclopedia, 1906. Disponível em: <http://www.jewishencyclopedia.com/articles/11873-palm>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ROCHA, Ivan Esperança. Imagem no Judaísmo: Aspectos do “Aniconismo” Identitário. História, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 119-124, 2007.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SALLON, Sarah; CHERIF, Emira; CHABRILLANGE, Nathalie; SOLOWEY, Elaine; GROS-BALTHAZARD, Muriel; IVORRA, Sarah; TERRAL, Jean-Frédéric; EGLI, Markus; ABERLENC, Frédérique. Origins and insights into the historic Judean date palm based on genetic analysis of germinated ancient seeds and morphometric studies. *Science Advances*, vol. 6, n. 6, 2020.

SCHAMA, Simon. *A História dos Judeus: À procura das palavras de 1000 a. C. a 1492 d.C.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ZOLLSCHAN, Linda. The Conclusion of the First Jewish Revolt: Interpreting *IVDAEA RECEPTA*. p. 97-116. In: *Israel Numismatic Research*, vol. 14. Tel Aviv: Israel Numismatic Society, 2019.